



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA O MAGISTÉRIO
SUPERIOR

**O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR
SURDOS: Um desafio para professores de uma
escola de Miritituba.**

JACICLEIDE PARENTINS DOS SANTOS

ITAITUBA - PARÁ
2017

JACICLEIDE PARENTINS DOS SANTOS

**O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR
ALUNOS: Um desafio para professores de uma
escola de Miritituba.**

Monografia de Especialização em Docência em
Magistério Superior apresentada ao programa de
Pós-graduação da Faculdade de Itaituba.
Orientado pela Professora Especialista Djamilra de
Sá Almeida Barros.

ITAITUBA – PARÁ
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me dado oportunidade e capacidade para conseguir mais uma conquista na vida.

Aos meus filhos, aos meus pais, os meus irmãos e outros membros da família que me deram forças para que não desistisse, onde o caminho que foi conduzido esteve grande e cheio de obstáculos, mas, gratificadamente foram vencidos.

Meu esposo, que me compreendeu e me deu forças para que eu pudesse alcançar mais essa vitória em minha vida.

Aos meus amigos que, de uma forma ou de outra apoiaram e estimularam durante a trajetória.

A FAI pelos recursos materiais e humanos disponibilizados para a obtenção deste trabalho.

Enfim a todos que colaboram na realização deste trabalho, por me ajudarem em mais essa conquista.

Meus sinceros agradecimentos.

Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que as
grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo identificar e demonstrar às dificuldades do aluno surdo no aprendizado da Língua Portuguesa e assim, debater a problemática que envolve os desafios que eles enfrentam no ensino regular. Esse estudo se propõe a analisar, através de um questionário, a visão de um grupo de (5) professores de Letras que trabalham em sala de aula com surdos inseridos na Rede Pública de Ensino Fundamental, (1) aluno surdo e também as concepções de que a integração do surdo com os ouvintes e um (1) aluno surdo ao mesmo tempo em que os professores afirmam que a integração do surdo com os ouvintes é o maior benefício da inclusão as dificuldades na comunicação, uma vez que este é obrigado a conviver apenas com a cultura do ouvinte, assim como a falta de preparo e de conhecimento da comunidade escolar em relação ao surdo e sua primeira língua, a Libras. No entanto, conclui-se no geral, que estimular a Língua Portuguesa para os surdos, torna-se uma possibilidade para melhorar a qualidade de Ensino democrático no Brasil. O professor assume um papel importante pois cabe a ele selecionar metodologias para trabalhar os conteúdos específicos de Língua Portuguesa. De acordo com Machado 2014:79 o docente deve “utilizar textos especialmente elaborados para o experimento, suficientemente contextualizado em sua coerência pragmática.”

Palavras-chaves: Libras; Tipos de Surdez; Dificuldades; Desafios.

ABSTRACT

This monograph aims to identify and demonstrate the difficulties of deaf students in learning the Portuguese language and thus discuss the issues surrounding the challenges they face in regular education. This study aims to analyze, through a questionnaire, the vision of a group of (5) teachers of Letters who work in the classroom with deaf students inserted in the Public Elementary School, (1) deaf student and also the conceptions of that the integration of the deaf with the listeners and one (1) deaf student at the same time as the teachers affirm that the integration of the deaf with the listeners is the greatest benefit of including the difficulties in communication, since it is obliged to live with it. Only with the culture of the listener, as well as the lack of preparation and knowledge of the school community regarding the deaf and their first language, Libras. However, it is generally concluded that stimulating the Portuguese language for the deaf becomes a possibility to improve the quality of democratic education in Brazil. The teacher assumes an important role because it is up to him to select methodologies to work the specific contents of Portuguese Language. According to Machado 2014: 79 the teacher should "use texts specially designed for the experiment, sufficiently contextualized in their pragmatic coherence."

Keywords: Libras; Types of deafness; Difficulties; Challenges

LISTA DE SIGLAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

APAE: Associação de pais e amigos Excepcionais

 CEDESP: Centro de Educa  o Especial

COEES: Coordena  o Especial

DEES: Departamento De Educa  o Especial

FENEIS: Federa  o Nacional de Educa  o e Integra  o dos surdos

FENIES: A Federa  o Nacional de Educa  o e Integra  o dos Surdos

INES: Instituto Nacional de Educa  o Surdos

LIBRAS: L ngua Brasileira de Sinais

IBC: Instituto Benjamim Constant

IBGE: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estat stica

ABREVIATURAS

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 ASPECTOS GERAIS DA LIBRAS E DA SURDEZ.....	11
1.1 LIBRAS: SEGUNDA LÍNGUA OFICIAL NO BRASIL.....	11
1.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	13
1.2.1 História da Libras no Brasil.....	13
1.2.2 Histórico da Libras no Pará.....	14
1.2.3 Histórico da Surdez.....	16
1.3 DEFICIÊNCIA AUDITIVA, SURDO, SURDO – MUDO. DEFINIÇÕES.....	18
1.4 CULTURA DOS SURDOS.....	20
2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS PESSOAS SURDAS.....	23
2.1 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL.....	23
2.2 PARTICULARIDADES DA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO.....	27
2.3 FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS.....	30
2.3.1 Oralismo.....	30
2.3.2 Bilinguismo.....	32
2.3.3 Comunicação Total.....	33
3 DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS COM O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE UMA ESCOLA DO DISTRITO DE MIRITITUBA – ITAITUBA/ PA.....	35
3.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	35
3.2 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA	36
3.3 RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE OS DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS COM O APRENDIZADO DA LINGUA PORTUGUESA.	37
3.3.1 Visão dos professores.....	37
3.3.2 Visão do aluno.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	47

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com base na experiência de trabalho, envolvendo alunos surdos, percebe-se que os mesmos possuem dificuldades para o aprendizado da língua portuguesa, por isso considerou-se necessária a elaboração deste trabalho de pesquisa na intenção de contribuir na discussão sobre o problema relacionado ao aprendizado da Língua portuguesa pelos alunos surdos.

Antes de qualquer relato sobre "O Aprendizado da Língua Portuguesa por alunos surdos: Um desafio para professores de uma escola de Miritituba", faz-se necessário recorrer a um breve comentário sobre a situação desse alunado em tempo remota.

Sabe-se que houve um tempo na história da educação brasileira, em que os surdos não frequentavam as escolas porque eram considerados incapazes de ser ensinados. Pouco se sabia da existência de crianças com essa deficiência devido à família não saber dos seus direitos e com isso, os surdos viviam à margem da sociedade, sem "voz", sem vez, como inválidos.

O tempo passou, e foram criadas novas políticas e projetos educacionais que efetivassem os direitos dos surdos a se tornarem como um "dito normal" na sociedade vigente. Hoje já se observa várias crianças, adolescentes e adultos no banco da sala de aula comum, e é aí que surge o desafio, tanto de ensinar, quanto de aprender. Observa-se que mesmo com tantos avanços as escolas ainda têm muito que melhorar, pois, não se encontram estruturadas o suficiente para dar o apoio correto e necessário ao aluno surdo.

Compreende-se que muitos estudos têm sido feitos sobre esse assunto e descobriu-se que além dos gestos, figuras e expressão corporal uma das melhores formas de fazer com que o aluno surdo aprenda a ler é através da Libras (Língua brasileira de sinais), mas para que essa proposta funcione com eficácia é preciso que professores e todo o quadro de funcionários da educação tenha formação nesse assunto (língua). Já existe em algumas escolas do Município de Itaituba o AEE (Atendimento Educacional Especializado) e o professor auxiliador (itinerante) que auxilia os professores de Língua portuguesa, porém ainda não é o suficiente para que o aluno surdo desenvolva o ensino aprendizado da Língua Portuguesa.

Nessa perspectiva, este trabalho de pesquisa visa não somente verificar os desafios enfrentados pelos alunos surdos em aprender a Língua Portuguesa, mas também, encontrar meios que venham facilitar o ensino dessa língua para este alunado, o que favorecerá também no desempenho pedagógico do professor ministrante da disciplina.

A organização deste trabalho está dividido em cinco capítulos: O primeiro aborda os aspectos gerais da Libras e da surdez, enfatizando a trajetória histórica no Brasil e no Pará, além disso, as definições de Surdez. No segundo capítulo, explana-se a fundamentação teórica sobre a educação escolar das pessoas surdas, demonstrando a educação dos surdos no Brasil, a particularidades da educação de surdos no Pará, filosofias educacionais para surdos: oralismo, bilinguismo e comunicação total e o terceiro capítulo expõe a metodologia, apresentando o ensino aprendizagem da Língua Portuguesa: análise de uma escola do Distrito de Miritituba, dando relevância as entrevistas com os professores e com o aluno surdo, além disso, foram analisados os questionários dos professores do ensino da Língua Portuguesa e do aluno surdo, sobre o tema abordado. Aproveitando o trabalho de conclusão de curso de graduação acrescentou-se mais um capítulo de uma proposta de extensão a comunidade, buscando socializar o tema com as outras escolas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LIBRAS: SEGUNDA LÍNGUA OFICIAL NO BRASIL

A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos-FENEIS define a Língua Brasileira de Sinais - Libras como a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com esta comunidade. Como língua, a Libras está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos científicos necessários para seu aprendizado, como qualquer outra língua. É, pois, uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística. Segundo Sanches (1997:17)

[...]a comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independentes de qualquer fator racial, social ou cultural.

Uma demonstração desta afirmação se evidencia na língua oral- auditiva (usadas pelos ouvintes) e nas línguas viso- espacial (usadas pelos surdos). As duas modalidades de línguas são sistemas abstratos com regras gramaticais, entretanto, da mesma forma que as línguas orais - auditivas não são iguais, variando de lugar para lugar, de comunidade para comunidade, a língua de sinais também varia. Dito de outra forma existe a língua de sinais americana, inglesa, francesa e varias outras línguas de sinais em vários países, bem como a brasileira.

A estrutura da Língua Brasileira de Sinais é constituída de parâmetros primários e secundários que se combinam de formas sequencial ou simultânea.

Segundo Brito (1995:36-41) os parâmetros primários são:

- a) Configurações das mãos, em que as mãos tomam as diversas formas na realização de sinais. De acordo com a autora, são 64 configurações de mãos na Língua Brasileira de Sinais.
- b) Ponto de articulação, que é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Esses sinais articulados no espaço são de dois tipos, os que articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região do corpo, como a cabeça, a cintura e os ombros.

- c) Movimento, que é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos das mãos, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal. O movimento que as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em direções e posições.

Na década de 60, em relação à Língua de Sinais, ocorreram vários fatores que fizeram vir à tona novos conhecimentos teóricos e que levaram a uma mudança significativa na educação do surdo. Neste momento, já se tornava claro para os professores de surdos que a abordagem oralista na educação de surdos não estava proporcionando um nível suficiente de linguagem oral, leitura orofacial, articulação e habilidades de leitura que garantissem a sua validade.

Atualmente a língua de Sinais é considerada como a língua natural dos surdos, pois ela é adquirida de forma espontânea sem que seja preciso um treinamento específico. Porém é preciso lembrar que vivemos em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por consequência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a Língua de Sinais, ainda é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais.

Muitos profissionais que trabalham com surdos persistem ainda na visão sobre a Língua de Sinais como uma forma de comunicação, não atribuindo a ela o status de língua e considerando-a apenas uma alternativa para os surdos que não conseguiram desenvolver a língua oral. De acordo com (QUADROS 1997:28), oralismo é considerado pelos estudiosos, como imposição social de uma maioria linguística desnecessário, pois é lógico que a maioria se sobrepõe a minoria.

Além da abordagem oralista, alternativa encontrada para os surdos são os aparelhos auditivos, entretanto, é importante a conscientização de que toda esta tecnologia disponível não é de acesso a toda a população surda, especialmente considerando-se nossa realidade social, cultural e econômica.

Além do mais, ainda que toda essa tecnologia fosse acessível, ela por si não garante o desenvolvimento linguístico, identificador e cultural do sujeito surdo. A utilização destes recursos não garantirá que esses sujeitos serão oralizados e integrados na sociedade, como assim defende a premissa oralista.

Segundo (QUADROS, 1997:35), “em 1976 foi encontrada pelos estudiosos uma situação intermediária em que os sinais seriam utilizados como instrumento de comunicação, mas sem que fosse utilizada a Língua de sinais”.

No Brasil, a Língua de Sinais é (LIBRAS) e foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, fato que a tornou componente curricular nas escolas. As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais por serem da modalidade gestual-visual. Hoje, consideramos que a Língua de Sinais é o melhor meio efetivo de comunicação entre os surdos, possibilitando-lhes desenvolvimento linguístico e cognitivo.

2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA

2.2.1 História da Libras no Brasil

A Língua de Sinais é uma modalidade gestual-visual que utiliza movimentos e expressões corporais e faciais que são percebidos pela visão. Assim como Fernandes (1998:2):

A Língua de Sinais é uma língua natural, com organização em todos os níveis gramaticais, prestando-se às mesmas funções das línguas orais. Sua produção é realizada através de recursos gestuais e espaciais e sua percepção é realizada por meio da visão, por isso é dominada uma língua de modalidade gestual-visual-espacial.

Dessa forma, é correto afirmar que a Língua de Sinais é uma língua completa, com estrutura independente da língua portuguesa, que possibilita o desenvolvimento cognitivo do surdo, favorecendo seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes. Os surdos criaram uma Língua de Sinais, e através dela podem comunicar-se tão bem quanto os ouvintes, pois ela permite a melhor integração entre pessoas surdas e/ ou ouvintes.

Muitas pessoas acreditam que a Língua de Sinais é somente um conjunto de gestos que interpretam as línguas orais. No entanto, pesquisas mostram que essas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam um pensamento complexo e abstrato, pois os usuários da língua de sinais podem utilizá-la para discutir os mais diversos assuntos.

A Língua de Sinais aumenta o vocabulário de acordo com as mudanças culturais e tecnológicas, sendo criados novos sinais pelas comunidades surdas.

Embora cada Língua de Sinais tenha sua própria estrutura gramatical, surdos de países com Língua de Sinais diferentes comunica-se com mais facilidade uns com os outros, isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e compreender gestos e pantomimas e estarem atentos aos movimentos e expressões faciais e corporais das pessoas, bem como ao fato dessas línguas assemelharem seus sinais às coisas representadas. Brito (1995:36), afirma que:

[...] todos os sinais que se incorporam ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e aceitos dentro dessa língua. Isso constitui um dos aspectos que confirmam que a Libras é um sistema linguístico que constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuam restrições para a articulação. Mesmo os sinais com interferência da língua oral, a serem incorporados à língua de sinais, obedecem às regras e restrições de sua estrutura.

Apesar da Língua Brasileira de Sinais ter pouco espaço na questão acadêmica, foi inserida no Brasil através da Lei 10.436/2002, que reconhece a Libras (Língua Brasileira de Sinais), como língua oficial dos surdos, aprovada em 24 de abril de 2002, como meio de comunicação por excelência para a comunidade de surdos. Assim, o uso da Libras como meio de comunicação precisa ser implantado nas escolas brasileiras que registram a matrícula de alunos surdos.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial Básica no parágrafo 2º do artigo 12 da Resolução do CNE/CEB n.º2/2001, definiu que ao aluno surdo deva assegurado o acesso aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de Língua de Sinais, sem prejuízo do aprendizado da Língua Portuguesa. Desta forma o aluno surdo passou a ter direito a mais um componente curricular: a Língua Brasileira de Sinais.

2.2.2 Histórico da Libras no Pará

Em 1950 tem início a História da Educação Especial no Pará, ligadas às primeiras instituições particulares e públicas, destinadas ao atendimento de pessoas com deficiência auditiva, mental ou visual.

Segundo Galvão & Oliveira (2001:57) existem dois grandes institutos como referência educacional, "o Instituto Professor Astério de Campos que foi criado em 1960, pela ação do governo. A escola atende as crianças desde a faixa precoce até a idade adulta. Nela, o método oralista é pouco utilizando, sendo a comunicação realizada através das Libras como a primeira Língua é a escrita como a segunda Língua".

O Instituto Felipe Smaldone é centro de Áudio comunicação, teve a origem de sua fundação em 1930, na Itália pelo Padre Felipe Smaldone, tendo como mantenedora a congregação das irmãs do sagrado Coração. No Brasil e na cidade de Belém (PA), congregação no ano 1972, iniciando as suas atividades com os portadores de surdez em 25 de março de 1973, com vinte alunos, sendo treze em regime de internato, matriculados em turmas de alfabetização a 4ª série do ensino fundamental.

É uma instituição católica, filantrópica, especializada na educação de crianças e adolescentes na faixa etária de 0 a 18 anos, deficiência na área da surdez oriundos dos vários bairros da cidade, distritos e municípios do estado do Pará e outros estados circunvizinhos.

Em 1961 a LDB 4024/61 incentivou as primeiras ações de integração da pessoa com deficiência no ensino regular, baseando-se em ações voltadas para a capacitação de recursos humanos, através de cursos realizados em outras unidades da Federação. Em 1966 é criada a primeira classe Braille.

A Educação Especial no Pará surgiu para oferecer atendimentos e escolarização às crianças cujas anormalidades eram a princípio entendidas como prejudiciais ou que impediam de ingressar no ensino regular.

Em 1968, é implementada as classes Especiais, com objetivo de desenvolver os alunos atrasados, dentro de suas possibilidades, integrados na escola e na sociedade por intermédio de técnicas e métodos especiais.

Em 1968, incluiu-se a Educação Especial no sistema estadual de educação, através da LEI nº 4093/68, nela foram firmados convênios entre Instituições do governo e particulares para o atendimento dos alunos com necessidades Especiais.

Algumas Instituições conveniadas foram: Fundação Pestalozzi do Pará, escolas profissionais da comunidade, Departamento regional do Senai, possibilitando respectivamente, a abertura de vagas para deficientes mentais, o treinamento ocupacional para surdos. E a criação do setor de adaptação profissional

de cegos, o que permitiu na área de surdos e de cegos a terminalidade o processo educativo (PARÁ, 1996:15).

Em 1971 foi criada pela secretaria de Educação a Assessoria de educação dos "Excepcionais" que era responsável pelos serviços de Educação nas áreas de deficiência visual, deficiência mental e deficiência auditiva além dos serviços de avaliação e triagem. Em 1972 por meio da LEI nº4398/72 é criado o Centro de Educação Especial (CEDESP) responsável por gerenciar a política do governo na área da Educação Especial.

É, então, implantando o primeiro pólo de interiorização especial, são criadas novas salas de recursos, há a expansão do ensino itinerante e amplia-se a capacitação de recursos humanos por meio de cursos, congressos, seminários e outros de eventos.

Em 1972 aconteceu o 1º curso para formação de professores de 1º grau nas áreas de deficiência visual, deficiência auditiva e deficiência mental; em 1973 aconteceu o curso de formação de professores ao nível de 2º grau aconteceu em 1973, para setenta professores dos estados do AMAZONAS, PARÁ, MARANHÃO, E DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ.

EM 1976 inicia-se um projeto experimental, pioneiro na Região Norte, para o atendimento de superdotados.

Em 1989, através do Decreto nº 6069/89, a secretaria de educação é reestruturada, e a Coordenação da Educação Especial ganha um departamento denominado Departamento de Educação Especial (DEES) (atualmente a coordenação Especial- COEES), responsável pela normatização e execução da Política de Educação especial no Estado.

Atualmente com as novas Políticas da Educação Inclusiva, a Libras vem se desenvolvendo e curso já são ofertados nas escolas, igrejas, nas instituições particulares nas grades curriculares.

2.2.3 Histórico da Surdez

A surdez é resultado da perda, maior ou menor, da capacidade de percepção normal dos sons. Verificar-se a existência de vários tipos deficiência auditiva, de acordo com a época em que a mesma ocorreu (se antes ou após a aquisição da

língua oral), de acordo com os diferentes graus de perda da audição, de acordo com a causa, etc. (MEC, 2006:59).

Quanto à mediação auditiva sabemos que a audição, é medida em decibéis (dB), unidade sonora que afeta a intensidade, o volume dos sons, e, em Hertz (Hz), unidade que determina o comprimento de onda sonora (número de ciclos/segundo), atendendo a capacidade de perceber sons graves e agudos.

Segundo MEC, (2006:15 a 17) quanto ao período de aquisição, a surdez pode ser dividida em dois grandes grupos: congênitas, quando o indivíduo já nasceu surdo. Nesse caso a surdez é pré-lingual, ou seja, ocorreu antes da aquisição da linguagem.

Quanto à etiologia (causas da surdez) elas se dividem em:

- ❖ Pré- natais, surdez provocada por fatores genéticos e hereditários, doenças adquiridas pela mãe no período da gestação (rubéola, toxoplasmoses, citomegalovírus), e exposição da mãe a drogas ototóxicas (medicamento que pode afetar a audição).
- ❖ Peri- natais: surdez provocada, mas frequentemente por parto prematuro, anóxia cerebral (falta de oxigenação no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado).
- ❖ Pós- natais: surdez provocadas por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida, como meningite, caxumba, sarampo. Além de usos de medicamentos ototóxicos, outros fatores também têm relação com a surdez, como avanço da idade e acidentes.

Por meio de um instrumento utilizado para medir a sensibilidade auditiva de um indivíduo que é o audiômetro, pode-se obter uma classificação da surdez quanto ao grau de comprometimento ou intensidade da perda auditiva.

Os autores DAVIS E SILVERMANN (1970: 7-8), elaboram um quadro que falam sobre os graus de surdez.

Classificação da Surdez	Média Encontrada	Características
Normal	0 a 25 DB	Não percebe os fonemas da mesma forma, isto altera a compreensão das palavras, voz fraca e distinta não é ouvida.

Leve	26 a 40 DB	Criança considerada desatente, a aquisição da linguagem é normal/lenta e, mais tarde, vai ter dificuldade na leitura e/ou na escrita, precisa de acompanhamento.
Moderada	41 a 70 DB	Percebe a voz com certa intensidade, pode ocorrer atraso na linguagem/ alteração articulatória, discriminação difícil em lugares ruidosos.
Severa	71 a 90 DB	Identifica ruídos familiares (predominando os graves), percebe voz forte, família necessita de orientação precoce para auxilia o rendimento da criança, compreensão verbal associada à grande aptidão visual.
Profunda	Acima 91 DB	Não percebe a voz humana, sem estímulo adequado (ex: prótese auditiva), não há feedback auditivo, maior facilidade para perceber as pistas visuais.

2.3 DEFICIÊNCIA AUDITIVA, SURDO, SURDO – MUDO. DEFINIÇÕES

A deficiência auditiva é a perda parcial ou total da audição, causada por má-formação (causa genética), lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo. É importante lembrar que a perda da audição deve ser diagnosticada por um médico especialista ou por um fonoaudiólogo.

De acordo com SACKS (1999:28), o termo “surdo” é vago, ou melhor, é tão abrangente que nos impede de levar em conta os graus de surdez imensamente variados graus que têm importância qualitativa e mesmo “existencial”. Há os que têm “dificuldades para ouvir”, pessoas estas que conseguem ouvir parte do que se fala

com o auxílio de aparelhos auditivos e um pouco de atenção e paciência provindo de quem fala com eles.

Há também os “seriamente surdos”, muitos deles vítimas de doenças ou dano no ouvido, na juventude; mas no caso deles, assim como no dos que têm dificuldade para ouvir, ainda é possível ouvir a fala, em especial com os novos e modernos aparelhos auditivos altamente sofisticados, computadorizados e “personalizados”, que surgiram recentemente no mercado.

Existem os “profundamente surdos”, que não têm esperança alguma de ouvir qualquer fala, não importa que avanços tecnológicos imagináveis possam surgir. As pessoas profundamente surdas não são capazes de conversar de maneira usual, elas precisam ler os lábios, usar a língua de sinais ou ambas as coisas.

Descreve-se surdo, entre outras definições, segundo FERREIRA (2000:721) como “aquele que não ouve, ouve mal; [...] indivíduo surdo”. De acordo com MICHAELIS (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>) surdo “é aquele que está privado, no todo ou em parte, do sentido da audição, aquele que não ouve”, entendendo-se surdez como “o enfraquecimento ou abolição da audição, qualidade ou doença de surdo; falta ou perda auditiva absoluta”.

Uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado, e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar-se na sociedade e na cultura em que nasceu. (SANTANA, 2007:34).

Surdo-mudo diz-se de quem é surdo e mudo ao mesmo tempo ou que nasceu surdo e por isso nunca aprendeu a falar. Além disso, FERREIRA (2000: 721) reforça a mesma ideia, dizendo que “surdo e mudo é quem não ouve ou não fala”. De acordo com este autor, surdo- mudo é a pessoa surda, porém não é muda, pois com a técnica da leitura labial permite-lhe a possibilidade de pronunciar as palavras.

Nessa perspectiva, as definições apresentadas têm em comum a real acepção do que vem a ser uma pessoa surda, suas limitações em relação a uma pessoa ouvinte, conflitos, deficiências e necessidades educativas especiais.

“O diagnóstico da surdez traz, junto com eles os pré-construídos culturais em relação ao ser surdo: impossibilidade de falar. De aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego”. (SANTANA 2007:35)

A pessoa com surdez traz consigo inaptidões quanto ao desenvolvimento de habilidades de uma pessoa ouvinte. Acaba sendo vista de forma preconceituosa, um refugio, poderia assim dizer, ou seja, não esta de acordo com os paradigmas da sociedade vigente.

2.4 CULTURA DOS SURDOS

Somente no século XX voltou-se a dar credibilidade à língua de sinais, quando Stokoe, em 1960, publica um artigo onde descreve três parâmetros para a produção dos sinais: tabulação, designação, configuração da signação.

Segundo dicionário MICHAELIS (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>), cultura é “desenvolvimento cultural; saber; costume e valores de uma sociedade; cultivo”, ou seja, é a troca do desenvolvimento cultural de um povo, seus costumes, valores e crenças que são passados de geração e geração.

Então, o que vem a ser a cultura surda? Perlin (2003:78) cita ser o jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torná-lo habitáveis, ou seja, o indivíduo ter suas características próprias sendo respeitadas por todos.

Os surdos utilizam da experiência visual para a percepção do mundo a sua volta como, por exemplo, a leitura dos movimentos de lábios de um interlocutor articulando palavras ou frases. Mas o principal aspecto da cultura surda é a Língua de Sinais. Esta língua pode ser utilizada por grupos mais abastados, como por surdos que possuem “sinais caseiros”, aqueles sinais próprios criados para a comunicação com familiares ou grupo de surdos que não tenham a oportunidades de aprender a Libras. Assim, fazem uso do déutico, que é quando o surdo aponta para algo que mostra ou usa sinais próprios.

Os ouvintes interessados em conhecer ou ficar mais próximos da cultura surda devem visitar ou frequentar comunidades surdas, como as associações, escolas de surdos, igrejas, seminários, teatros, eventos esportivos. O mais importante é conviver com o sujeito surdo em situações diversas, tanto formais como informais, além de conhecer através da leitura de assuntos relacionados a este assunto, sempre respeitando e valorizando de forma harmônica as diferenças culturais existentes.

Segundo Skliar (1997: 271), a LS é uma língua plena, natural, não um código artificial de comunicação e como tal deve ser pensada; é um direito dos surdos não uma concessão. Essa nova racionalidade frente às comunidades surdas, no último século, compreende que os surdos têm uma cultura. Pode-se perceber a cultura surda como Perlin (2004:76) sugere:

Conhece-se e compreende-se a cultura surda como uma questão de diferença, um espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da diferença, da alteridade, da identidade. Percebe-se que o sujeito surdo está descentrado de uma cultura e possui uma outra cultura.

Ainda em Perlin (1998: 56), lê-se:

A cultura surda como diferença se constitui como uma atividade criadora, símbolos de práticas jamais aproximados na cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual e não auditiva.

Nessa perspectiva, entender a educação dos surdos requer pensar para além das questões clínicas, audiológicas e de reabilitação, constituir um conhecimento sobre os surdos que aponte para as questões da diferença, da cultura e da identidade surda, o que significa refletir sobre diferentes questões como: a surdez constitui uma diferença que deve ser reconhecida, sendo ela uma identidade múltipla que se gesta e se constrói nas vivências cotidianas das comunidades surdas é, principalmente, a surdez constitui uma experiência efetivamente visual.

Nessa perspectiva, o sujeito surdo apresenta uma diferença sociolinguística, ou seja, ele interage com o mundo a partir de uma experiência visual. Todas as suas construções mentais ocorrem pelo canal espaço-visual e são medidas pelo seu instrumento natural de comunicação: a língua de sinais e a língua escrita.

Além de viabilizar todos os processos cognitivos, linguísticos, éticos, artísticos e intelectuais do surdo, a língua de sinais constitui, conforme este modelo, um elemento identificatório entre esses sujeitos. Ao compartilharem uma língua comum, os surdos passam a se reconhecer como membros de uma comunidade singular.

De acordo com Wrigley (1996:3), “o mundo visual percebe e produz a significação através de canais visuais de uma linguística espacial. Não é um mundo necessariamente melhor ou pior, apenas distinto e diferente”. Seguindo essa linha teórica, convém destacar que os surdos manifestam sua diferença linguística e cultural na formação de comunidades surdas.

Entretanto, as comunidades de surdos não são consideradas apenas espaços de lazer, entretenimento e práticas de esportes. A comunidade surda é, sobretudo, um espaço de articulação política em busca do reconhecimento da surdez como diferença. Exatamente nesse sentido os surdos podem ser vistos como criadores de uma diferença política.

Considerações como essa mudam as representações acerca da surdez e dos surdos, ocasionando, na educação dessas pessoas, significativas mudanças, que exigem novos meios de interação linguística com os alunos surdos, isto é, hoje se prevê a educação dos surdos materializada pela proposta de Educação Bilíngue.

2.5 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

De acordo o MEC (MEC / SEE/SP, 2007:01) o atendimento às pessoas com necessidade educativas especiais surgiu desde a época do Império, como forma de valorizar os indivíduos que apresentavam algum tipo de deficiência.

No Brasil, o atendimento das pessoas com deficiências teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: O Império do Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant-IBC, e o Instituto dos Meninos Surdos-Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos-INES, ambos no Rio de Janeiro.

No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, e em 1945 é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff. (MEC, 2007:02).

A primeira instituição na área da surdez no Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), é um órgão do Ministério da Educação. Foi idealizado em 1885, dando início ao atendimento no seguinte e tendo como proposta de ensino as disciplinas de Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura labial.

A língua de sinais praticada pelos surdos no Instituto, de forte influência francesa, em função da nacionalidade de Huet, foi espalhada por todo Brasil pelos alunos que regressavam aos seus Estados quando do término do curso. [...] outra ação importante para a difusão dessa língua em território

brasileiro deu-se no ano de 1875, ocasião na qual o ex- aluno do Instituto, Flausino Jose da Gama, desenha o livro Iconographia dos Signaes dos Surdos- Mudos com cópias distribuídas para varias localidades do Brasil. A intenção principal era a de divulgar o meio pelo quais os surdos se comunicavam. (ROCHA, www.ines.gov.br/institucional/2015)

No inicio do século XX, segundo ROCHA, (www.ines.gov.br/institucional/2015) o Instituto oferecia também ensino profissionalizante, de acordo com as aptidões dos alunos, tais como, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria, artes plásticas e de bordado às meninas.

Até o ano de 1908 era considerada a data de função do Instituto o dia 1º de Janeiro de 1856. A mudança deu-se através do artigo 7º do decreto nº 6.892 de 19 de março de 1908, que transferiu a data de função para a da promulgação da Lei 939 de 26 de setembro de 1857 que em seu artigo 16 inciso 10, consta que o Império passa a subvencionar o Instituto. Antes desse decreto os alunos eram subvencionados por entidades particulares ou públicas e até mesmo pelo Imperador. (ROCHA, www.ines.gov.br/institucional/2015).

O referido Instituto recebeu alunos de todo o Brasil e do exterior, configurando-se numa Instituição de referencia, tendo como objetivos gerais e específicos a profissionalização e socialização de surdos, a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o Brasil.

Na atualidade o INES, informa ainda ROCHA (www.ines.gov.br/institucional/2015) oferece no seu colégio aulas para crianças de zero a três anos, Ensino Fundamental, Médio e Superior, através do Curso Bilíngue de Pedagogia. Ocupa importante espaço nas discussões, promovendo fóruns de debates, publicações, seminários e pesquisas, grande produção de material pedagógico, fonoaudiólogo e de vídeos em língua de sinais, distribuídos para os sistemas de ensino.

Surgiram até os dias de hoje mais algumas instituições como o Instituto dos Meninos Surdos-Mudos, Instituto Pestalozzi e a Associação de pais e amigos Excepcionais (APAE). A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), por exemplo, fundada em 1977, filiada a Federação Mundial dos Surdos, é uma entidade sem fins lucrativos. Tem finalidade sociocultural, assistencial e educacional, objetivando a defesa dos direitos da Comunidade Surda Brasileira.

Na FENEIS foram realizados encontros, conferências, seminários e cursos para a inserção de surdos no mercado de trabalho, conseguindo emprego para mais de seiscentos surdos.

A federação vem fazendo a sua parte, com o apoio de seus escritórios regionais e de seu quadro de filiadas que, aliados ao mesmo objetivo vem da Comunidade Surda Brasileira. (...) Mas, atingir todo o território nacional, constituía-se como uma tarefa difícil e ao mesmo tempo um desafio e um sonho a se conquistar. Pensando na importância de expandir os trabalhos da Federação e, assim garantir o atendimento das demandas dos Surdos de outros estados, foram criados escritórios regionais. O e as atividades que realizam reforçam os objetivos da Feneis e assim nos somamos por todo o Brasil, criando uma rede de informação e serviços de forma sempre a atender da melhor forma possível os que nos procuram. (www.feneismg.org.br/2015)

A referida federação sempre visou esclarecer quanto à importância do respeito à forma de comunicação, cultura, história e evolução da comunidade surda, bem como, o reconhecimento de seus direitos, buscando qualificar suas atividades para atenderem da melhor forma possível as demandas inerentes. Nesse sentido, chama-se a atenção para o fato de que tem crescido o número e pessoas surdas no Brasil.

De acordo com o curso do IBGE (Instituto de Pesquisa Aplicada e Estatística/ 2000) revela que há no Brasil 24.5 milhões de pessoas com deficiência, o que corresponde a 14,5% da população. Destes, 16,7% apresentam deficiência auditiva, ou seja, existem no Brasil 5.735.099 (cinco milhões setecentos e trinta e cinco mil e noventa e nove) surdos.(Levando-se em conta o crescimento anual da população teríamos, a cada ano, no Brasil, aproximadamente 93.295 (noventa e três mil duzentos e cinco)crianças surdas).(CHAVEIRO;BARBOSA;PORTO,2007:57).

O Brasil de certa forma passou, a valorizar os deficientes a partir da construção desses institutos, mas é importante lembrar que apesar dessas construções, inovações sobre a educação do aluno surdo, há muito que se mudar na atualidade. Reflete-se que é preciso mais investimento para a inclusão desses cidadãos no meio social e escolar.

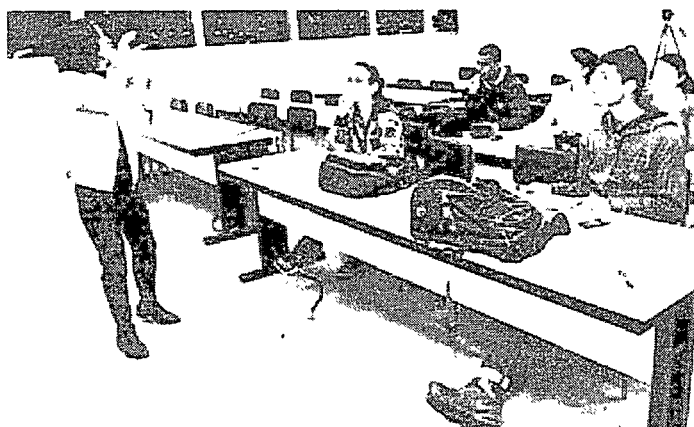
A educação como espaço disciplinar, mas também inter, trans e multidisciplinar, em que as fronteiras entre o distinto campos de conhecimento se entrecruzam e, muitas vezes, se tornam difusas, solicita cada vez mais profissionais que nela atuam a capacidade de dialogar e transitar por caminhos insólitos e desconhecidos. (MANTOAN, 2006:07).

Segundo a autora, a educação deve ser vista como um espaço acolhedor, onde o educando possa ter uma relação interdisciplinar, no sentido de ter contato com todas as disciplinas da base nacional comum, assim como os métodos de ensino. Ela ainda destaca que inter, trans e multidisciplinar se cruzam e se

difundem, requerendo desta forma, profissionais que possam dialogar e caminhar por caminhos desconhecidos, conhecendo outro mundo com uma realidade diferenciada para que possam proporcionar às pessoas com necessidades educativas especiais a oportunidades de ter acesso à mesma educação dos "ditos normais".

Contudo, chega uma notícia boa, segundo pesquisa eletrônica (globo.com/Noticias/Concursos-Empregos/2015). "O Instituto Nacional de Educação de surdos abriu vagas no Rio de Janeiro". Mas, não se pode parar por aqui, é necessário continuar lutando por uma educação de qualidade, pelo direito de acessibilidade a qualquer tipo de informação e a conquista de novas oportunidades no mercado de trabalho para os Surdos.

Curso prepara Alunos surdos para o Enem mostra como promover o acesso do surdo ao ensino mostra como promover o acesso do surdo ao ensino superior por meio da preparação, por meio de reforço teórico; envolver os graduandos em licenciatura na reflexão e prática pedagógica para alunos surdos e minimizar desigualdades sociais.



Fonte: www.dgabc.com.br/2015

O desenvolvimento dos conteúdos para o curso leva em conta a participação ativa dos alunos, pois propicia oportunidades para discussões e debates, garantindo o aprendizado dos mesmos.

Este é um projeto da Universidade Federal do ABC (UFABC), criado no ano de 2013 e ministrado no Campus Santo André. A criadora do projeto é a professora Maria Izabel do Santos Garcia. Recém- chegada do Rio de Janeiro, sua terra natal, ela ficou impressionada com a inexistência de alunos surdos na universidade. "Consegui identificar a principal demanda

desse grupo, que é a dificuldade de acesso à universidade e montamos este projeto piloto". (www.dgabc.com.br/2015)

De acordo com a professora idealizadora do mencionado projeto os conteúdos ministrados aos estudantes surdos são os mesmos passados aos alunos ouvintes, assim como a estrutura e a dinâmica da sala de aula. A única e principal diferencia é o uso das libras para a comunicação entre professores e alunos.

A referida professora de Libras da UFABC, explica que ser surdo é outra forma de estar no mundo e, por isso, a dinâmica de aprendizado dessas pessoas deve ser respeitada. "Precisamos entender que, enquanto nós, ouvintes, nos orientamos pela audição, os surdos compreendem o mundo pela 'visão'". (www.dgabc.com.br/2015)

Contudo, com o pensamento da professora Izabel que não há limites cognitivos intrínsecos à surdez quando se oferecem todas as possibilidades de acesso para a consolidação da linguagem. A linguagem deve desenvolver-se considerando a criança ativamente envolvida no processo de comunicação de seu ambiente sócio cultural tendo em vista ajuda de profissionais bilíngues para melhor formação da pessoa surda na vida estudantil.

2.6 PARTICULARIDADES DA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO

Para que compreenda como se processa a educação do aluno surdo, é preciso entender o percurso histórico, seus avanços, suas convergências e divergências acerca da ação educativa do discente surdo, meio a uma educação voltada apenas para as pessoas que correspondiam aos paradigmas sociais.

A educação das pessoas surdas, por muitos anos, desenvolveu-se de forma preconceituosa. Houve um padrão consistente de evolução em que podemos dizer que prevaleceu foi a desigualdade social. As pessoas deficientes eram destacadas por possuírem características diferentes daquelas instituídas pela sociedade. Por exemplo, utilizavam termos como, "excepcional" como se explicasse a diferença existente de um indivíduo para o outro. (SOUZA; MACEDO, 2002:12)

Estudos e teorias, tais como "Fonoaudiologia, Otorrinolaringologia, teoria behaviorista, teoria inatista e teoria de interação" (www.Feniesmg.org.br/2015), têm se ocupado bastante sobre o assunto.

Um dos princípios do investimento na educação de surdos-mudos, como vinha acontecendo, principalmente no Estado Unidos da América, era evidente, por questões econômicas, pois ao converter em operários hábeis, aumentava o número de produtores. No Brasil, porém o encaminhamento dos surdos-mudos era, em 1884, para o ensino profissional ou para o campo agrícola (SOARES,1999:48) APUD (ABERES, 2005:23).

O aluno surdo apresenta uma lesão auditiva que lhe impossibilita de compreender o que o cerca. Sendo assim, é analisando como distraído, pedindo às pessoas que lhe expliquem novamente o que foi dito anteriormente. A ausência da audição não impede que esse educando aprenda a linguagem, no entanto, essa deficiência pode fazer com que o mesmo tenha dificuldades de aprendizagem, principalmente, na leitura e na escrita.

É preciso compreender o grau de surdez do educando com deficiência auditiva, pois, essa aceção possibilitará ao professor desenvolver sua ação pedagógica com eficiência no âmbito escolar.

Portador de Surdez Leve: aluno que apresenta perda auditiva de decibéis. Essa perda impede que o aluno perceba igualmente todos os fonemas da palavra. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral esse aluno é considerado como desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e / ou escrita. (RAFAELI e SILVEIRA, 2009:5).

A partir desse entendimento, o educando estará sendo atendido em suas necessidades escolares de acordo com o seu decibel, pois é diagnosticando que o educador conhecerá a realidade de sua clientela, possibilitando aos seus alunos aulas que se adaptem as necessidades educativas do cotidiano escolar.

Portador de Surdez Moderada: aluno que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É frequente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esse aluno tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldades em compreender certos termos de relação e/ ou frases gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual. (RAFAELI e SILVEIRA, 2009:5).

O aluno surdo que apresenta uma perda de surdez moderada, entre quarenta e setenta decibéis, tem dificuldades de discernimentos em ambiente ruidosos. Com

esse grau de audição é necessária uma intensidade de voz para que possa entender o que a pessoa está falando com ele. Nota-se que há atraso quanto ao desenvolvimento da linguagem, tendo problemas para identificar os tipos de barulhos, assim como tem dificuldades para entender frases gramaticais difíceis.

O educador de Surdez Severa: aluno que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Esse tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber a voz forte podendo chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área educacional, a criança poderá chegar a adquirir linguagem. A compreensão verbal vai depender, grande parte, de aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações. (RAFAELI e SILVEIRA, 2009:5).

O educando portador de surdez severa é aquele que possui entre 70 e 90 decibéis, o qual poderá escutar alguns ruídos, podendo perceber uma voz forte, podendo até ficar sem falar até os cinco anos de idade. No entanto, se a família for orientada, a criança poderá desenvolver a sua linguagem, mas necessita de estímulo. Além disso, a compreensão verbal vai depender de sua aptidão ao utilizar a percepção visual, assim como a observação do contexto das circunstâncias.

Portador de surdez profunda: aluno que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis a gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedido – o de adquirir naturalmente a linguagem oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica, quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para aquisição da linguagem oral. Assim também, não adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela, e não tendo “feedback” auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões. (RAFAELI e SILVEIRA, 2009:5).

O discente com surdez profunda é aquele que apresenta mais de noventa decibéis. Essa perda é tão grave que o sujeito fica privado de informações proveniente da audição, impossibilitando de adquirir a linguagem oral. Uma criança que nasce surda tem as mesmas manifestações balbucios de outra criança dita “normal”, mas com o passar do tempo se não tiver estimulação poderá perder a capacidade de desenvolver a linguagem. É comum uma pessoa surda não se interessar pela fala, já que não a utiliza para se comunicar no dia-a-dia.

Ressaltar-se que nos termos do art. 9º-A, do Decreto 6.653/07ª, cabe ao Poder Público estimular o acesso ao Atendimento Educacional Especializado AEE

de forma a complementar o ensino regular, para corresponder às expectativas e especificidades. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) refere-se a um serviço da educação especial desenvolvido na rede regular de ensino, o qual organiza recursos para a plena participação dos alunos com necessidades específicas. Este atendimento é realizado mediante atuação de professores com conhecimentos específicos no ensino de Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua para pessoa surda, entre outros.

As funções do AEE compreendem orientar as famílias educandos e aos professores sobre os recursos pedagógicos diferenciados a serem utilizados pelo aluno; ensinar e usar a tecnologia para ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo articulação com os professores regentes da sala de aula comum, visando, à disponibilização e orientação dos alunos nas atividades escolares.

Como qualquer aluno, o educando surdo busca em meio de um emaranhado de informações a sua identidade, o que não é uma tarefa fácil, porque de um lado, existem as pessoas ouvintes e de outros, os que não conseguem desenvolver uma linguagem oral porque nasceram ou adquiriram uma deficiência auditiva. Sendo assim, é indiscutível não olhar o educando surdo com suas limitações, no entanto, é importante destacar que também são capazes de compreender sim, o conhecimento, mas, com adaptações de conteúdos e professores qualificados para atender as diversidades culturais.

A surdez é compreendida como uma diferença linguística que apresenta características singulares. A educação dos surdos deveria ser essencialmente, visual. Contudo, tanto professores surdos como ouvintes não costumam desenvolver propostas educativas baseadas na visualidade da surdez. Professores surdos e ouvintes costumam reproduzir práticas de ensino de língua escrita pautadas na fonética da língua oral, utilizando ferramentas orais e não visuais.

É necessário instrumentalizar os professores de surdos têm que trabalharem com estratégias que respeitem a experiência visual dos seus alunos. Este trabalho apresenta o relato da realização de cinco oficinas de ensino de estratégias visuais para professores usarem com alunos surdos.

2.7 FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS

2.7.1 Oralismo

O oralismo ou filosofia oralista visa à integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). A notação de linguagem, para vários profissionais dessa filosofia, restringe-se à língua oral, deve ser a única forma de comunicação dos surdos. Para que a criança surda se comunique bem é necessário que ela possa oralizar.

O oralismo percebe a surdez como deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da Língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte, ou seja, do oralismo e fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, a "não surdez".

Para alcançar seus objetivos, a filosofia oralista utiliza diversas metodologias de oralização: verbo-tonal, audiofonatoria, aural, acupédico etc. Essas metodologias se baseiam em pressupostos teóricos diferentes e possuem, em alguns aspectos práticas diferentes.

O que as une é o fato de acrescentarem eu a língua oral é a única forma desejável de comunicação do surdo e se dedicarem ao ensino desta língua às crianças surdas, rejeitando qualquer forma de gestualização, bem como as línguas de sinais. A metodologia audiofonatoria, também conhecida como Perdoncini, é bastante utilizada no Brasil, possui maior material bibliográfico em Português e é grande defensora oralismo.

A maior parte das metodologias baseadas no oralismo utiliza como embasamento teórico linguístico o Gerativismo de Noam Chomsky. Seguindo as ideias desta teoria, como afirma que "não é possível ensinar a linguagem, mas apenas dar condições para que esta se desenvolva espontaneamente na mente, o seu próprio modo" (1991:16). A autora afirma também que por meio da audição as crianças ouvintes imitam seus interlocutores e assim descobrem as regras gramaticais da língua, que vão permitir-lhe chegar às transformações e organizar seus pensamentos para expressá-los.

Existe uma grande preocupação, por parte dos profissionais oralista, em relação à inferência das regras gramaticais. Essa inferência é considerada um salto qualitativo na aprendizagem da língua portuguesa.

De acordo com GOLDFELD (2002:35). O trabalho de compreensão e de oralização é direcionar no sentido de possibilitar à criança dominar gradativamente as regras gramaticais e chegar a um bom domínio da Língua portuguesa. Por exemplo, na metodologia oralista audiofonatoria, o professor deve apresentar diversas ações para criança e mostrar que elas são diferentes, de pular, correr, etc.

Mais tarde utilizando o organograma da linguagem deve mostrar frases como, Marcos anda, Marcos pula etc. para que as crianças possam inferir melhor às regras gramaticais, o professor deve utilizar também frases no passado, como Marcos andou, Marcos pulou etc.

2.7.2 Bilinguismo

Para os adeptos do Bilinguismo, os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias. O bilinguismo, tal como entendemos, é mais do que o uso de duas línguas. É uma filosofia educacional que implica em profundas mudanças em todo o sistema educacional para surdos. A educação bilíngue consiste, em primeiro lugar, na aquisição da língua de sinais, sua língua materna. Surdo, em contato com os outros surdos, passa por um processo de identificação com sua comunidade de surdos. Essa comunidade está inserida na grande comunidade de ouvintes que, por sua vez, caracteriza-se por fazer uso de linguagem oral e escrita.

O Bilinguismo propõe que o surdo comunique-se fluentemente na sua língua materna (língua de sinais) e na língua oficial de seu país. Será ela oral? Será escrita? Essas são duas questões polêmicas que dividem os educadores de surdos.

No entanto, todos concordam que os desenvolvimentos cognitivos, afetivos, socioculturais e acadêmicos das crianças surdas não dependem necessariamente de audição, mas sim do desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, facilita o processo de aprendizagem e serve de apoio para a leitura e compreensão.

Existem duas maneiras da aplicação da posição bilinguismo. A primeira acredita que a criança surda deve adquirir a língua de sinais e a modalidade oral da língua de seu país.

Para FERNANDES (2004:84) acredita ser necessário para o surdo adquirir a língua de sinais e a língua oficial de seu país apenas na modalidade escrita e não na oral. Bilinguistas como (FELIPE 1989) afirmam que a escrita do surdo não vai se

aproximar de escrita ouvinte, e não há que se exigir do surdo uma construção simbólica tão natural como a do ouvinte.

De acordos com os surdos, a proposta bilíngue é a que melhor atende às expectativas do surdo, pois ela não privilegia uma língua, mas quer dar direito e condições ao indivíduo surdo de poder utilizar duas línguas; portanto, não se trata de negação, mas de respeito; o indivíduo escolherá a língua que irá utilizar em cada situação linguística em que se encontrar.

A Secretaria de educação Especial BRASIL(2001:23) preconiza a atuação dos serviços de educação Especial para atendimento de surdos em função do grau de perda auditiva. No caso de surdez leve, em que a criança apresenta dificuldades no período de alfabetização com relação à leitura e / ou à escrita esta deverá receber um atendimento especializado, constituído das atividades de treinamento fonoarticulatório/fala e linguagem. As recomendações para portadores de surdez moderada são similares às anteriores com maiores atenções.

Para portadores de surdez severa, a Secretaria de educação especial recomenda que o aluno possa frequentar uma escola especial para adquirir a linguagem interior e receptiva (ou de compreensão) e expressiva (ou de expressão), uma vez que, em geral, não chega a adquirir a linguagem pelos processos naturais. Mesmo nos casos em que o aluno adquiere alguma linguagem, esta não será suficiente para sua comunicação oral. Além de adquirir a linguagem oral, esse aluno poderá aprender a ler e escrever na escola especial.

No caso de surdez profunda, o aluno precisará adquirir uma linguagem que permita sua comunicação com os ouvintes, além de possibilitar o desenvolvimento da escolaridade. A alfabetização do aluno com surdez profunda deverá ser realizada paralelamente à estruturação da linguagem oral. Poderão ser adotadas, para atendimento ao portador de surdez, diferentes metodologias ou filosofias educacionais: O oralismo, A Comunicação Total, O Bilinguismo e outras. A opção inicial por qualquer dos métodos deve ser feita pelos pais (BRASIL, 1995).

2.7.3 Comunicação Total

Em tradução literal do inglês Total Communication, era um modelo de trabalho pedagógico que foi idealizado nos Estados Unidos na década de 60 e

consistia em uma pratica que utilizava todas as estratégias possíveis para o ensino de surdos, isto é valia tudo:

Uso de sinais (itens da LIBRAS), emprego de sinais criado para marcar aspectos gramaticais da língua oral, a dramatização, o treino auditivo, a estimulação dos órgãos fonoarticulatório, a escrita, a expressão corporal..." (OATES 1990:65)

Nessa visão, a forma de comunicação não importava desde que os objetivos educacionais fossem alcançados. Como se pode deduzir, a interação entre professores e alunos continuava truncada, pois nem usavam a língua oral, nem a língua de sinais. Mestres e aprendizes continuavam a sofrer a falta de um sistema linguístico comum. Entretanto, graças a essa nova abordagem, a língua de sinais pôde ao menos subsistir ainda que somente usada de fato entre seus usuários os surdos.

A autora QUADROS (1997: 45), no entanto, não acredita que a Comunicação Total seja uma abordagem melhor aceita que a oralista, pois as imposições da sociedade, representadas pela família e pela escola, não dão condições para que seu desenvolvimento venha a ocorrer de forma como deveria, visto que a aceitação por da família ouvinte da criança surda de um sistema de sinais que difere tanto da sua forma de comunicação é difícil e a compreensão da escola da necessidade de se enfatizar este aspecto da comunicação, em detrimento de aspectos da fala ou articulatórios, não se dá sempre, levando à diminuição de uma possível eficácia de uma possível eficácia da utilização de sinais, ainda que de uma forma semelhante à língua oral.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola foi fundada no dia 13 de outubro 1972 pelo Ministério do Exército, construída pelo 8º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção), recebendo o nome de GRUPO ESCOLAR INTEGRAÇÃO NACIONAL. Recebeu o nome de INTEGRAÇÃO NACIONAL devido à construção das Rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém, que fazem a integração entre os estados da Federação. Movimento empreendido no governo do General EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI.

Funcionou de 1972 a 1983 somente de 1ª a 4ª série, em caráter exemplar. Em 15 de abril de 1980, através da Portaria nº 343, a escola passou a ser chamada de ESCOLA ESTADUAL INTEGRAÇÃO NACIONAL, devidamente reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação.

De acordo com o processo de municipalização ocorrido no município de Itaituba, atualmente a escola funciona tendo como Entidade Mantenedora a Secretaria Municipal de Educação – SEMED, passando a chamar-se ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL INTEGRAÇÃO NACIONAL.

No ano de 2009, em virtude da grande demanda de alunos e a precariedade do antigo prédio que já não dava condições nenhuma para acomodar os alunos e para dinamizar um trabalho com mais eficiência pelos profissionais que atuam na escola, aconteceu a construção do novo prédio da Escola Integração Nacional que dispõe de 14 salas de aulas, 01 sala de laboratório de Informática, 01 Auditório com camarim e 02 banheiros, 01 Consultório, 09 banheiros masculino e feminino sendo reservado 02 para os alunos especiais, 01 sala da secretaria com depósito, 01 sala da diretoria com 01 banheiro, 01 sala de coordenação, 01 sala dos professores com 01 banheiro, 01 sala de leitura 01 cozinha com depósito, 03 pátio coberto 01 ginásio poliesportivo e 01 sala de recursos multifuncionais AEE.

Atualmente a escola funciona nos turnos matutino e vespertino, com um corpo discente constituído de 800 alunos devidamente matriculados, conforme matrícula inicial de 2015, e distribuídos em: 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano do ensino fundamental de 09 anos, 5º ano, 6º ano, 7º ano e 9º ano do ensino fundamental. No turno da noite a escola é cedida para o anexo II da Escola Estadual de Ensino Médio Profª Maria das Graças Escócio Cerqueira.

Atualmente a escola tem como diretora a Ilma.Sr.^aORZINDA MARIA DA CRUZ HENRIQUE que conta com apoio de um corpo docente formado por 28 Professores e um corpo técnico-administrativo e de apoio, 01 vice-diretora, 01 secretário, 03 Vigias, 03 Auxiliares Administrativos, 02 Merendeiras, 07 Auxiliares de Serviços Gerais.

3.2 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no período do mês de Fevereiro a Junho de 2017 na Escola de Ensino Fundamental Integração Nacional, situada no Distrito de Miritituba-Itaituba /PA. A metodologia aplicada nesse estudo foi através da aplicação de questionários com abordagem qualificativa, tendo como objetividade chegar a melhor compreensão da problemática investigada.

De acordo com GIL, a pesquisa é:

Tipicamente, o estudo de campo focalizada uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esse procedimento são geralmente conjugados com muitos outros, tais como análise de documentos, filmagens e fotografias.(GIL,2002:53).

Nesse estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica e de campo, utilizou-se como técnica de coleta de dados a aplicação de questionários com questões mistas, tendo como amostra, 05 educadores e 01 discente, para obter informações sobre as dificuldades enfrentadas por aluno surdo incluso no Ensino Fundamental. Portanto, todas essas informações são fundamentais para detectar a realidade vivenciada pelos entrevistados.

A elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. Naturalmente, não existem normas rígidas a respeito da elaboração do questionário. Todavia, é possível, com base na experiência da elaboração do questionário. (idem, 2002:116).

Estudar a educação escolar das pessoas com surdez nos reporta não só a questões referentes aos seus limites e possibilidades, como também aos preconceitos existentes nas atitudes da sociedade para com elas.

As pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio afetivo, linguístico e político-cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE OS DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS COM O APRENDIZADO DA LINGUA PORTUGUESA.

3.3.1 Visão dos professores

O quadro a seguir apresenta o questionamento sobre **“Qual a sua maior dificuldade no processo ensino-aprendizagem dos alunos surdos?”**

Qual a sua maior dificuldade no processo ensino-aprendizagem dos alunos surdos?	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	Dentre as dificuldades existentes no processo ensino-aprendizado, destaca-se aqui, o não domínio da comunicação adequada para com os surdos (Libras).
B	Fiquei muito supressa ao saber que iria trabalhar com surdo, mais não sabia que iria usar os sinais para poder me comunicar com ele, senti bastantes dificuldades, pois não estava preparada mais segui em frente.
C	As dificuldades são muitas, mais dentre elas podemos citar a questão da formação da turma e o tempo da aula, pois temos que trabalhar para todos e às vezes o tempo dedicado aos surdos não é suficiente para que haja aprendizagem.
D	A Linguagem de Sinais.
E	Usar os sinais em Libras para melhor esclarecimento do conteúdo.

Todos demonstraram que não possuem habilidades na Língua de Sinais, por isso sentem dificuldades em trabalhar com essa clientela, pois os professores citam também que às vezes por terem uma turma muito lotada a atenção para o aluno surdo é pouco.

Foi indagado ainda aos professores se **“Você se sente preparado para trabalhar com alunos surdos?”**

Você se sente preparado para trabalhar com alunos surdos?	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	Não, pois não participei de cursos de formação continuada específico que me concedesse tal preparo para trabalhar com alunos surdos.
B	Agora sim, mesmo não tendo bem prática, vou procurar me atualizar para esse desafio.
C	Preciso de mais informação.
D	Não. Apesar de ter feito alguns cursos de Libras ainda não foi o suficiente.
E	Em parte. A dificuldade é só na comunicação

A maioria dos professores afirma que não se sentem preparados para trabalhar com os alunos surdos, por não participarem de formação continuada e outros possuem cursos mais não foi suficiente, mais estão se atualizando e buscando renovar suas metodologias para trabalhar com esses alunos, para que os mesmos tenham um bom rendimento.

Os entrevistados responderam **“A escola oferece materiais específicos para auxilia suas aulas de Língua Portuguesa com os alunos surdos?”**

A escola oferece materiais específicos para auxilia suas aulas de Língua Portuguesa com os alunos surdos?	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	A escola dispõe de uma sala de AEE para o desempenho de atividades com esses alunos, entretanto, não são diretamente disponibilizados ao professor de Língua Portuguesa no

	desempenho de seus trabalhos com alunos surdos.
B	Eu trabalhei usando esses mesmos materiais didáticos mais com ajuda de professores itinerante, garanto na sala do AEE deve ter um acompanhamento de materiais dado pela escola.
C	Os materiais disponíveis são livros e algumas xerox.
D	Não. A escola não oferece esses materiais os professores têm que procurar os materiais.
E	Não

De forma generalizada, os professores afirmam que não, os mesmos têm que adaptarem as atividades da sala para esses alunos surdos, mais têm professores disponíveis na sala do AEE e professor itinerante para estar acompanhando e auxiliando os alunos e demais professores do ensino regular.

O quadro a seguir apresenta as respostas acerca da questão **“Você adota uma metodologia diferenciada para trabalhar a disciplina Língua Portuguesa com alunos surdos?”**

Você adota uma metodologia diferenciada para trabalhar a disciplina Língua Portuguesa com alunos surdos?	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	Tendo em vista o que se chama de “inclusão”, a aula é ministrada normalmente, porém, com uma didática diferenciada, a qual varia segundo o conteúdo ministrado. Para tanto, são feitas adaptações no que se refere à atividade e resumo do conteúdo.
B	Não, o mesmo que é passado para os outros também é para eles.
C	O trabalho do ensino da Língua portuguesa para os alunos surdos requer o uso de imagens, desse modo procuro explorar os textos com imagens.
D	Procuro trabalhar associando nomes de objetos às figuras, para que os alunos surdos melhorem a escritura e a leitura.
E	Sim. Utilizando figuras para associar o conteúdo.

Todos os professores deixam bem claro que trabalham com metodologia diferenciada, buscando adaptar as atividades utilizando principalmente imagens para que melhorem a escrita e a leitura tanto na língua de sinais como a de língua portuguesa.

Ainda foi indagado aos professores se **“Você percebeu alguma reação diferente dos alunos “normais” quando os alunos especiais foram incluídos em sala de aula?”** Descreva.

Você percebeu alguma reação diferente dos alunos “normais” quando os alunos especiais foram incluídos em sala de aula? Descreva.	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	Em alguns momentos os alunos surdos são vistos pelos alunos ditos “normais” como aqueles que desfrutam de privilégios e vantagens no que se refere às atividades, uma vez que, são adaptadas.
B	Ficam com ciúmes, devido mais atenção com eles.
C	Os alunos surdos da nossa escola já estão aqui desde as séries iniciais, estão os colegas agem normalmente.
D	No começo sim. Porque era algo diferente e os alunos “normais” não sabiam se comunicar com os alunos surdos.
E	Não.

De forma em geral, pode-se dizer que sim, por terem uma professora que acompanha e auxilia esses alunos surdos, pela atenção dada para eles e pelas atividades serem adaptadas, então os demais alunos ditos “normais” pensa que os alunos surdos são priorizados mais do que os outros.

No quadro abaixo apresenta as respostas se os professores **“Os professores do ensino regular têm apoio dos professores do AEE para trabalhar com os alunos surdos?”**

Os professores do ensino regular têm apoio dos professores do AEE para trabalhar com os alunos surdos?	
PROFESSOR	RESPOSTAS
A	Sim, os alunos surdos são atendidos no contra turno no AEE, em horário regular. Além de serem acompanhados por uma professora

	itinerante.
B	Sim, trabalham juntos e isso é favorável para todos os professores, quanto aos alunos porque terão rendimento bem aproveitado.
C	Sempre que precisam de apoio existe o suporte dos professores do AEE.
D	Sim. Os professores auxiliam nas aulas.
E	Sim.

Podendo afirmar que sim, pois os alunos surdos são acompanhados no contra turno três vezes na semana e o professor itinerante que trabalha junto com o professor na sala regular auxiliando as aulas para os alunos surdos.

3.3.2 Visão do aluno

O quadro a seguir apresenta o questionamento sobre **“Qual a sua maior dificuldade na escola?”**

Qual a sua maior dificuldade na escola?	
ALUNO	RESPOSTAS
R.M.C	Eu não entendo nada os professores não sabem explicação disciplina não comunicar língua de Sinais Brasileira.

O aluno demonstra que tem dificuldades em entender as explicações do professor, pelo fato do educador não saber a língua de Sinais.

Foi indagado ainda ao aluno **“O professor de Língua Portuguesa oferece apoio para facilitar sua aprendizagem?”**

O professor de Língua Portuguesa oferece apoio para facilitar sua aprendizagem?	
ALUNO	RESPOSTAS
R.M.C	Eu aprendi pouco ler palavras conhecer verbos e regras mas eu não conheço nomear coisas língua português diferente regras.

É importante salientar a falta de preparo do professor para trabalhar Libras, e também a falta de materiais adequados que facilitem o atendimento junto aos alunos surdos.

O entrevistado respondeu **“Como você se sente inserido no processo de ensino?”**

Como você se sente inserido no processo de ensino?	
ALUNO	RESPOSTAS
R.M.C	Eu gosto de muito estudar importante vontade aprender inglês muito ótimo.

O aluno se mostra um tanto interessado a aprender não somente a língua portuguesa como também outra língua, que é o inglês, sempre demonstra dedicação na execução de seu trabalho ou atividade.

O quadro a seguir apresenta a resposta acerca da questão **“Quais seus planos com relação a sua educação futura?”**

Quais seus planos com relação a sua educação futura?	
ALUNO	RESPOSTAS
R.M.C	Eu vou fazer faculdade futuro profissão Letras e Libras muito importante ser melhor.

Observa-se que o aluno tem planos para seu futuro e pretende estudar o curso de Letras/Libras, pois ele deseja ser um instrutor da sua Língua.

No quadro abaixo apresenta a resposta do aluno **“Você encontra dificuldade para aprender a disciplina de Língua portuguesa?”**

Você encontra dificuldade para aprender a disciplina de Língua portuguesa?	
ALUNO	RESPOSTAS

R.M.C	Muito difícil, eu não entendo ninguém, todas disciplina visual não comunicar regras como dúvidas muito difícil.
-------	---

Conforme o que foi dito pelo aluno, aprender uma língua escrita para quem ainda necessita conhecer primeiro a sua língua, que é Libras, torna-se mais complicado, devido algumas regras "desnecessárias" que a língua portuguesa oferece para quem é surdo.

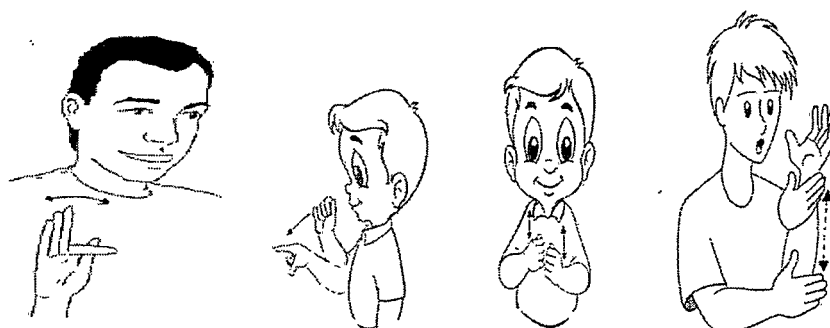
4 PROPOSTA DE EXTENSÃO A COMUNIDADE

Atividade 01 (Interpretação)

ATIVIDADE

Professora: Jacicleide P dos Santos

Aluno (a): _____



- A) Abacaxi, arroz, beijar; fevereiro;
- B) Feliz, abacaxi, fevereiro, arroz;
- C) Fevereiro, feliz, azul, abacaxi;
- D) Arroz, fevereiro, azul, abacaxi;
- E) Pão, fevereiro, abacaxi, arroz.

2) Interprete e traduza em Libras para o professor o esquema abaixo:



- Objetivo da atividade 01: Desenvolver a leitura e interpretação a partir da observação de esquemas elaborados pelo professor.
- Metodologia: Atividade impressa em folha de papel A4 com imagens coloridas e em preto em branco.

Atividade 02 (Produção Textual)

Professora: Jacicleide Parentins

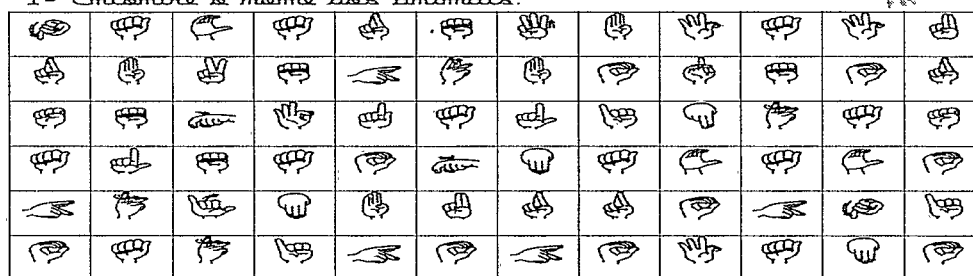
Aluno:-----

1) Traduza para o português os esquemas abaixo.

Atividades com o alfabeto datilológico

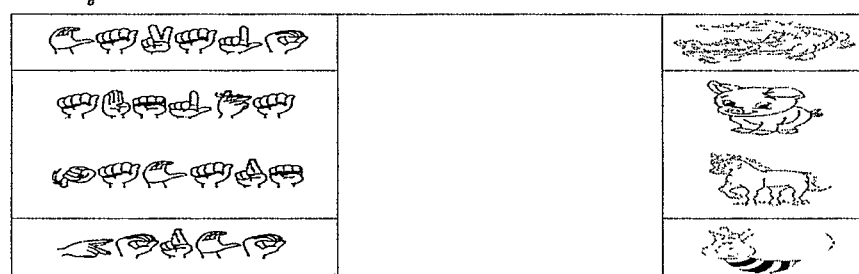


1- Encontre o nome dos animais:



SAPO - TATU - GALINHA - BOI - JACARÉ - ABELHA - HIPOPÓTAMO - LEÃO
MACACO - BURRO - BODE - URSO

2- Ligue:



<http://oficinadelibras.blogspot.com.br/>

- Objetivo da atividade 02: Fazer com que o aluno surdo produza as respostas em português;
- Metodologia: Atividade impressa em folha de papel A4 com sinais datilológicos.

A partir das variáveis observadas nesta experiência no estudo sobre o ensino da Língua Portuguesa na educação fundamental na Escola Integração Nacional, foi possível observar que a educação dos alunos surdos promovem algumas modificações que deve ocorrer anterior à sua presença na escola, como as modificações que ocorrem à medida que as especificidades são identificadas, bem como a capacitação dos profissionais que irão trabalhar diretamente com eles.

Desta maneira, este trabalho reafirma que os alunos surdos, na sala de aula do ensino comum, é uma proposta não relacionada somente com as questões da surdez, mas com questões que envolvem uma diferença diversificada num sentido de que outros caminhos pedagógicos devem ser trilhados para que estes alunos possam vir a constituir-se como um sujeito surdo pertencente a uma sociedade cuja maioria é de ouvintes. Dentre estes ouvintes, outras diferenças também existem, pois vivemos em uma sociedade que também não reconhece as necessidades dos ouvintes, não lançando um olhar para suas particularidades.

Esses aspectos crítico - pedagógicos que envolvem o ensino da Língua Portuguesa sempre estarão sujeito a mudanças. Estas, não ocorrem de modo rápido e também não são de fácil elaboração, pois os conceitos sobre a educação e Língua Portuguesa para alunos surdos, necessitam ser reformulados e adaptados. É necessário ainda, que seja proporcionado ao professor de Língua Portuguesa, cursos contínuos na área de Libras, haja vista que, esses novos conceitos que circulam no interior escolar, devem ser aceitos por todos na área da educação, sabendo que conflitarão com aqueles já existentes.

Há muito que se fazer ainda no que diz respeito à educação dos surdos. As instituições de ensino precisam proporcionar mais recursos linguísticos para os deficientes auditivos para que eles possam se desenvolver de forma autônoma, preparando - se para os desafios do cotidiano.

5 CONCLUSÃO

É notório destacarmos a importância desses alunos surdos com a Língua Portuguesa, pois assim podendo interferir nas políticas que seriam indicadas para as ações na escola alvo. Ainda que limitados, não podemos desconsiderar que os resultados são determinantes na elaboração de políticas públicas destinadas à educação especial e às pessoas com deficiência. Como é almejado um adequado atendimento no campo da Educação Especial, é de suma importância que haja um aprimoramento na forma como é feito o registro destas informações, pois são estes registros os norteadores de futuros investimentos e ações. A simples inclusão, ou matrícula, de alunos com surdez em salas de aula do ensino regular não resulta em benefícios de aprendizagem, como aponta Marston (1987-1988). As escolas são microcosmos da sociedade, espelham valores, culturas, princípios e, inclusive, aspectos positivos e negativos que existem fora de seus muros. Entretanto, "as escolas devem assumir a responsabilidade de melhorar as condições sociais negativas" (SCHAFFNER; BUSWELL, 1999, p.72). A política inclusiva não deve ser reduzida à simples permanência do aluno em uma classe regular, eliminando, assim, a necessidade dos serviços de educação especial. A educação atual necessita de mudanças para que possa atender a todos com qualidade. A função primordial da escola é formar indivíduos críticos e criadores, sejam eles surdos ou não. O desenvolvimento pessoal é de suma importância, bem como a aprendizagem, a interação com Rev. Bras. os outros e as experiências culturais que a escola oferece. É necessário investir, na formação dos profissionais até a prática pedagógica, para se propiciar o ambiente adequado. A inclusão de surdos no ensino regular é um desafio constante e permanente. Portanto, esta monografia pretende somar-se às discussões no campo da Educação Especial, especialmente aos estudos relacionados à educação de surdos, pois se entende que uma educação de fato com qualidade para esses alunos perpassa por questões que vão além da matrícula dos mesmos no ensino regular. Acredita-se que o resultado deste trabalho trouxe indicativos de como tem sido efetivada a inclusão desses alunos, possibilitando, a partir das teorias relacionadas à educação inclusiva no campo da surdez, na busca por uma educação efetivamente inclusiva para os surdos brasileiros. Por fim, é válido ressaltar que as análises empreendidas no trabalho não possuem a intenção de mera denúncia de alguns dos problemas que a escolarização de alunos com

deficiência enfrenta em nosso país. O intuito é de apresentar reflexões advindas por meio dados produzidos no âmbito escolar, que possam constituir alguma contribuição tanto para a implementação de mudanças nas políticas, quanto à de estudos que procurem analisá-las. Nesse sentido, Gatti (2004) assevera que as análises, a partir de dados levantados, contextualizadas por perspectivas teóricas, com escolhas metodológicas cuidadosas, trazem subsídios concretos para a compreensão de fenômenos educacionais, contribuindo para a produção de políticas, planejamento, administração escolar, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional**, nº 9394, dez.1996. Diário Oficial (da República Federativa do Brasil). Brasília. Ano. CXXXIV, nº248, 1996.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução CNE/CEB, de 11 de setembro de 2001. Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: CNE/CBE,2001.
- BRITO (1995:36-41), Luciano Ferreira. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: T, Departamento de Linguística e Filosofia, 1995.
- CHOMSKY, Noam. **Algumas Notas sobre Economia de Derivação e representação**. Em R.Freidin (ed.) , Princípios e Parâmetros em Sintaxe Comparada. Cambridge,1991.
- DAVIS, H. & SILVERMAN, S. R. **Auditory Test Hearing Aids**. In: DAVIS, H.;SILVERMAN, S.R. Hearing and Deafness., Holt: Rinehart and Winston, 1970.
- FERNANDES, Sueli. **Surdez e Linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR,1998.
- _____. **Educação Bilingue para Surdos: Trilhando Caminhos para a Prática Pedagógica**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDELD, Márcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**.2.ed.São Paulo: Plexus,2002.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.
- PERLIN, Gládis T. Identidades Surdas. In SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação,1998.
- _____. **O lugar da cultura surda**. In: THOMA, Ariana da Silva; LOPES, Maura Concino (Orgs.).A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2004.
- _____. **Educação Bilingue para surdos: identidades, diferença, contradições e mistérios**. Tese de Doutorado, Curitiba: UFSC, 2003.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: Aquisição da linguagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

RAFAELI e SILVEIRA, Kátia Solange Coelho e Maria Dalma Duarte. **Língua Brasileira de Sinais Libras**. Editora ASSELVI. 2009.

ROCHA, Solange Maria da . <http://www.ines.gov.br/institucional/>.2015

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

SANCHES, Carlos M. **O surdo tem de aprender a ler? Implicações da UM de sugestões mal colocados e para problema**. Venezuela,1997.

SANTANA, Paula. **Surdez e Linguagem**. Edital Summus.2007.

SKLIAR, Carlos. **A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos**. In: Silva, Luis Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997.

SOUZA e MACÊDO, Ely e Josenete Ribeiro. **Inclusão Social do Surdo: Um desafio à Sociedade, aos profissionais e a educação**. [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/inclusao social do surdo.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/inclusao_social_do_surdo.pdf).acessoem18/05/2015

WRIGLEY, Owen.**The Politics of Deafness** .Washington,D.C.: Gallaudet University Press,1996.

SITES

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htmacessoem10/01/2015

<http://renata-libras.blogspot.com.br/2013/12/historia-da-educacao-especial-no-estado.htm>acessoem13/01/2015

<http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%20402461.pdf>facessadoem13/01/2015

<http://www.feneismg.org.br/2013>acessadoem20/01/2015

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>acessadoem20/01/2015

<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/12/instituto-nacional-de-educacao-de-surdos-abre-inscricoes-para-96-vagas.html>acessoem23/01/2015

<http://www.dgabc.com.br/>acessoem23/01/2015

<http://www.feniesmg.org.br/>acessoem25/01/2015

ANEXOS



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA O MAGISTÉRIO SUPERIOR

Este questionário faz parte da monografia intitulada: **O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR SURDOS: Um desafio para professores de uma escola de Miritituba.**

Questionário para os professores

Identificação:

Sexo: () Feminino () Masculino

Formação: _____

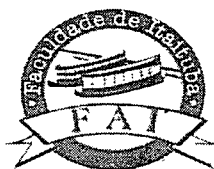
1. Qual a sua maior dificuldade no processo ensino-aprendizagem dos alunos surdos?

2. Você se sente preparado para trabalhar com alunos surdos?

3. A escola oferece materiais específicos para auxilia suas aulas de Língua Portuguesa com os alunos surdos?

4. Você adota uma metodologia diferenciada para trabalhar a disciplina Língua Portuguesa com alunos surdos?

5. Você percebeu alguma reação diferente dos alunos ditos "normais" quando os alunos especiais foram incluso em sala de aula? Descreva.



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA O MAGISTÉRIO SUPERIOR

Este questionário faz parte da monografia O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR SURDOS: Um desafio para professores de uma escola de Miritituba.: **DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS COM O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA**: Análise de uma Escola do Distrito de Miritituba – Itaituba/PA:

Questionário para o aluno

Identificação:

Sexo: () Feminino () Masculino

Formação: _____

1) Qual a sua maior dificuldade na escola?

2) O professor de Língua Portuguesa oferece apoio para facilitar sua aprendizagem?

3) Como você se sente inserido no processo de ensino?

4) Quais seus planos com relação a sua educação futura?

5) Você encontra dificuldade para aprender a disciplina de Língua Portuguesa?
